

A BOCA DO INFERNO

[Conto para ser contado]

I

Numa ilha algures no Atlântico, que dizem ser a montanha mais alta da mítica Atlântida, havia uma caverna que os naturais chamavam de Boca do Inferno. A entrada estava coberta de vegetação, de onde sobressaiam figueiras do diabo¹ - talvez por isso a designação que os nativos davam àquele local, inexplorado.

Entre a estrada que circundava a ilha e o mar sempre encrespado, a caverna passava quase despercebida. Mas quando andava gente nas redondezas - que ninguém se atrevia a aproximar-se e, muito menos, a entrar nela -, as conversas pouco variavam. Um avô ou parente já falecido contara que todos os temerários que se tinham atrevido a ultrapassar as rochas, estranhas e desalinhas, recortadas por entre as figueiras, nunca mais haviam sido vistos. Estavam com certeza nas profundezas do Inferno. Havia até quem tivesse visto fumo muito negro a sair dali, pela noite cerrada ou nos dias de chuva intensa, que eram, aliás, muito frequentes. Era do fogo, dos corpos a arder nas fogueiras do Diabo, por isso também o mau cheiro que feria as narinas nalgumas ocasiões.

Mas os vivos - tirando um ou outro que vira qualquer coisa a mexer ou mesmo uma figura com uns cornos afiados, bem avinhado numa das duas tabernas da aldeia e que contava a história na outra, onde umas aguardentes afastavam os fantasmas -, nunca, por nunca haviam deparado com algo que os assustasse ou fizesse benzer-se e derramar, à pressa, umas rezas, religiosas ou vernáculas. O certo é que todos evitavam passar por ali e quando o tinham de fazer sozinhos aceleravam o passo e olhavam para o topo da montanha, mesmo que não estivesse visível.

O Francisco Cordeiro, mais conhecido pelo Chico, era zanolho. O Norró – nunca ninguém conseguiu explicar porquê – era a alcunha do Artur Pereira, coxo. Um zanolho e um coxo, sem nada de seu, amanhando a terra dos outros

e alvo de chacota e discriminação gerais, só podiam ser amigos inseparáveis. Ao ponto de dormirem no mesmo casebre, construído sobre um morro inóspito quase sobranceiro à Boca do Inferno. O facto era pouco relevante, já que ambos adormeciam pouco depois do por do sol, após um breve jantar de pão rijo com queijo, a que muitas vezes limpavam o bolor, ou de uma sopa fria e uma peça de fruta esmoladas da vizinhança. Sempre acompanhado - e, frequentemente, único alimento - de vinho tinto, em abundância. O almoço tomado no campo por conta do patrão ocasional era, com alguma sorte, a refeição mais decente que tomavam. Até ao meio dia, a força do corpo e dos braços provinha de um ou dois copos de aguardente bem aviados logo ao acordar e antes de se porem a caminho do trabalho, ainda a alvorada não raiara.

Geralmente, a conversa era nenhuma ou a estritamente necessária para se entenderem, mas numa ou noutra noite do fim-de-semana, em que o serão, à luz da lamparina a petróleo, se prolongava um pouco mais e os vapores do álcool iluminavam a cabeça e faziam os olhos luzir no lusco-fusco, o Chico e o Norró² falavam sobre as coisas que ouviam ao som das enxadas a rasgar a terra ou do mastigar dos outros trabalhadores que tinham mulheres e filhos e também problemas. Não ter nada, a não ser a comida e vinho e aguardente, não ter de pagar despesas da casa e da família era, apesar da desdita de ambos, uma boa vida.

- Achas que temos mesmo uma boa vida, Chico? Só trabalhamos, comemos e bebemos, nunca saímos daqui, toda a gente troça de nós, tratam-nos pior que aos cães... e até os cães nos ladram e tentam ferrar-nos os dentes... Achas isto uma boa vida?

- Pois... tens razão, Norró. Nem à Igreja vamos. Até dizem que somos filhos de Satanás. Isto disse o João Sapateiro na nossa cara se bem te lembras, imagina agora o que dirão nas nossas costas...

- É, homem... e se calhar até têm razão. Olha para nós... Um zanolho e um coxo, feios, rotos e sujos, da cor da terra que amanhámos e que nem é nossa... É, devem ter razão, somos mesmo filhos do Diabo.

Ambos olhavam para uma pequena janela tapada com ripas de madeira, como se fosse de vidro e dali avistassem a Boca do Inferno. O Chico nunca conhecera os pais. Ao que se lembrava, um velha vestida de negro cuidara dele até a ver estendida na cama, esbranquiçada e imóvel. Soubera que morrera porque o disse a vizinha do lado a quem foi chamar, contando-lhe aquele espanto. Dai em diante, com sete ou oito anos, tomara conta de si e, quando mais tarde - já homem antecipado - tentou saber dos pais todos se fecharam num mistério insondável. Já então vivia com o Norró, que lhe aparecera por acaso na terra que cavava à procura de trabalho, fugido dos pais que o maltratavam, “abaixo de cão” no outro lado da Ilha. Deu-lhe abrigo e acolheu-o como um irmão, irmão na desgraça, entenda-se. Nunca os pais do Norró o procuraram nem o Chico soube quem eram os seus. Assim se deixaram ficar, que isso pouco ou nenhuma falta lhes fazia.

- Havíamos de ir um dia destes dar uma vista de olhos na Boca do Inferno, quem sabe se não temos família lá por baixo da terra... - Disse o Chico, mostrando todos os dentes amarelos que lhe restavam, enquanto um resto de baforada do cigarro escapava pela cara e pelo ar, fazendo-o fechar o olho bom.

- Olha e porque não? Eu cá não tenho medo. Se morrer, paciência, tanto faz agora ou daqui a uns anos... - Conjeturou Norró, enrolando um cigarro de tabaco puro cultivado nos poucos metros quadrados à volta do quintal do casebre.

- Eu também não tenho medo, claro. Mas, e se aparecem almas do outro mundo ou o próprio Diabo? – Retorquiu o Chico, com o riso forçado

- Deixa aparecer. Achas que nos vão morder como os cães ou esquartejar como condenados à morte ou porem-nos malucos voando e rodando à nossa volta, enquanto os nossos ouvidos zunem até rebentar ou que nos atiram numa fogueira para sermos servidos espetados num pau como churrasco ao Diabo? – Ironizou Norró, esvaziando de uma só vez o copo de tinto.

Chico ria descontrolado, enchendo de novo o copo do amigo e o seu, com as mãos trémulas e a língua já entravada pelos efeitos do álcool. A conversa acabou breve, com a combinação de no dia seguinte, um domingo, dia

sagrado, irem dar cumprimento ao acordado. Pois, talvez até se fizessem ao caminho se não acordassem lá para o meio-dia, ensonados e com uma dor de cabeça dos diabos. Ficava para o próximo fim-de-semana. Era mais aconselhável. E tinham de tratar dos candeeiros e de umas *buchas*³ que tinham de levar para o caminho. Esta a nova programação, após emborcarem o primeiro copo de aguardente e enquanto o segundo se evaporava rapidamente pela boca e narinas.

A semana passou como sempre, mas todas as noites antes de adormecer pesadamente nos colchões, meio esventrados, de casca ressequida de maçaroca⁴ de milho, confirmavam a promessa, refazendo um ou outro pormenor. Além do pão e do queijo, não podiam esquecer o vinho e, claro, uma quantidade generosa de aguardente, até porque era essencial para atenuar ou mesmo anestesiar algum susto ou ferimento que pudessem acontecer. Depois, havia que levar petróleo extra para os candeeiros e para os isqueiros, bem como tabaco e papel de enrolar. O Chico ainda se lembrou de levar água mas o Norró achou que era peso a mais e que não ia servir para nada. As mochilas de dois montanheiros, que tinham acompanhado, em tempos, ao sopé, da montanha e que no regresso lhas tinham oferecido, iam agora ser úteis. Tudo previsto, concluíram. A ida estava agora aprazada para a alvorada de sábado. Na véspera, como numa derradeira confirmação, o Chico perguntou ao Norró.

- Vamos mesmo, não vamos?

- Claro, homem, claro. Vamos lá mas é dormir...

Na verdade, estavam era aterrados, mas nenhum queria dar parte de fraco. Que homem, enxuto, zarolho ou coxo, tem o seu orgulho. Mal dormiram e nos poucos momentos de sono sobrevinham os pesadelos, com grupos de diabos da cor da ferrugem a atormentá-los e a torturá-los. O Chico até sonhou que um dos diabos lhe espetara o olho bom, deixando-o cego, enquanto o Norró sentiu mesmo outro a cortar-lhe as pernas, deixando apenas dois cotos, cicatrizados por uma espécie de sacho⁵ incandescente. Norró levantou-se de supetão, tocando ambas as pernas no escuro. Sentindo-as, ficou mais descansado, abriu a porta e respirou o ar da noite estrelada. Procurou a Lua, mas em vão.

Talvez estivesse escondida do outro lado da montanha, como quem não se pretendia comprometer com tão insana aventura. “Que se lixasse... Não havia como voltar atrás...”.

- Chico!”.

II

Passaram um pouco de água na cara, com a barba por fazer de alguns dias, tomaram os dois copos de aguardente habituais, vestiram os casacos, apertaram as mochilas e puseram-se a caminho. A noite de começo de primavera estava fresca, uma chuva miudinha caía como uma moinha persistente e incómoda. Habitados, pouco se importaram com isso, calcando a terra amolecida.

Ao cabo de uma meia hora estavam em frente da caverna. Mal se divisava a entrada por entre as figueiras do diabo e as rochas. Pararam um momento, hesitando, mas, olhando um para o outro, foram impulsionados como por uma mola e desceram uma vereda estreita, sentido as botas e as calças agarradas por urtigas e rasgadas por espinhos de catos e dos frutos das figueiras. Parecia que algo sobrenatural os fazia avançar firmes e decididos. Ultrapassaram as rochas, ora subindo-as e descendo-as do lado oposto, ora esgueirando-se pelo seu interior, como se atravessassem um labirinto. Depois destas, a caverna parecia afunilar, descendo em curvas e contracurvas, alargando, de vez em quando, em pequenas galerias de cujas paredes brotavam fios de água soltos, escorrendo e juntando-se a outros, criando diminutos ribeiros ao redor do chão, confluindo para a próxima passagem.

Chico e Norró já tinham entendido que teriam de avançar com toda a precaução. Por vezes, a terra cedia tanto debaixo dos pés que lhes parecia irem cair desamparados algures. Foi assim que, ao depararem com uma ampla galeria de estalactites e estalagmites⁶ pararam antes de a atravessar. Repararam também que aquelas estruturas que cresciam do teto e do chão pareciam transmitir uma luminosidade rosácea. Ficaram extasiados com tanta

beleza. As gotas que escorriam das estalactites convergiam para o centro da galeria, alimentando agora um pequeno riacho que deveria continuar pela caverna. Atravessaram a galeria colocando um pé de cada lado dá água e evitando as estalagmites, até entrarem na passagem seguinte. Uma luz, ténue a princípio, depois intensificando, anunciava nova surpresa. Chico e Norró olharam-se. Agora viam nitidamente um ao outro. Os candeeiros de petróleo pareciam desnecessários. À cautela mantiveram-nos acesos e redobramos os cuidados.

Um lago efervescente apareceu, alimentado por inúmeros riachos vindos do cimo da terra. A água nas margens era de uma limpidez nunca vista por ambos. A galeria estava iluminada como se inúmeros sóis minúsculos⁷ emitissem luz, de diversos tons, resultando num cenário único e majestoso, que ambos ficaram a admirar alguns minutos. À volta do lago uma faixa de areia fina, multicolor – talvez pela reflexão da luz -, parecia convidar os pés cansados dos aventureiros. A água devia estar a ferver, pensaram, ao vê-la a borbulhar. Mas qualquer coisa tinha mudado aqueles homens rudes, fazendo-os acreditar que nem tudo o que se vê é ou nem tudo em que se acredita existe.

Norró deixou a mochila, o casaco e a lamparina a alguns metros do lago e aproximou-se. Colocou a mão à beira da água. Sentiu-a morna. Esticou o braço e concluiu o mesmo.

- E se tomássemos um banho, Chico?
- Achas? A água lá mais para dentro não estará mesmo a ferver?
- Bem, se não experimentarmos, nunca vamos saber...

Despiram-se, sentando-se na areia com os pés na água, sentindo o já merecido descanso e conforto. Afinal estavam dentro da caverna há quase uma hora, sempre descendo, aos ziguezagues, não fazendo ideia se estavam debaixo do mar ou sob a montanha. Norró levantou-se e avançou, pé ante pé, pelo lago. A temperatura era igual. Afoitou-se um pouco mais, sempre com a areia fina debaixo dos pés, ficando com a água pela cintura, sentindo as bolhas a rebentar à sua volta. Chico seguiu-o. Atiraram chapadas de água um ao

outro, momentaneamente crianças, e molhavam-se como se lavassem a terra entranhada, de muitos anos, nos poros. Mergulhavam, retiravam a água cabelos, dos olhos e das faces e repetiam.

- Norró! – Gritou Chico de repente.

- Que foi homem? – Indagou Norró assustado.

- Eu acho que passei a ver dos dois olhos e tu estás diferente ou será da minha vista?

- Tu também estás diferente homem... Que diabo!... Até parece bonito... E eu já não coxeio... - Notou Norró, já próximo da beira do lago.

E ambos riram, olhando incrédulos um para o outro. Apesar de nenhum saber a sua idade real, não tinham mais de quarenta anos. E agora, na frente de cada um estava um jovem de trinta anos no máximo. Dois belos homens, sem barba e com um corpo escultural. Alguma coisa de milagroso acontecera. Chico e Norró não sabiam ao certo se estavam felizes ou apenas num sonho qualquer que, naquela noite, Morfeu⁸ resolvera que havia de ser diferente. Aceitando o sonho ou a realidade, vestiram-se, comeram um pouco de pão e queijo e beberam uns bons goles de vinho. Enrolaram e acenderam um cigarro e ficaram uns minutos olhando o lago e, de soslaio, um para o outro, certificando-se de tão inesperada mudança.

Depois, resolveram prosseguir, ladeando a água e enfiando por uma outra passagem, quase do lado oposto de onde tinham chegado a esta galeria. Desembocava poucos metros à frente sobre um lajeado perpendicular, que acompanhava uma parede de pedras de basalto⁹ sobrepostas, formando um corredor com uma saída de cada lado. Chico e Norró olharam um para o outro, indecisos. A cor da pedra do chão do lado direito era mais clara progressivamente até quase chegar a um branco encardido enquanto para o lado esquerdo ia escurecendo até um preto baço. Além disso, o corredor tinha uma luminosidade estranha, reparando então que com tons de laranja e vermelho para a esquerda e de violeta e azul para a direita. Mas que poderia querer isso dizer? Nada, concluíram, ao cabo de uns minutos, esfregando,

várias vezes, as cabeças. Não se decidiam mesmo... Mas tinham de continuar, isso sabiam, mas não por onde.

- Vamos pela direita, que não somos canhotos e a direita é a melhor mão e os santos ficam à direita de deus... - Disse o Chico, com ar de sabedor.

- Não, vamos pela esquerda, porque tudo o que disseste está certo e pode ser uma armadilha! – Contrapôs o Norró, num rasgo de inteligência.

.....

Vamos escolher nós... pela direita III-A e pela esquerda III-B.

.....

III – A

Resolveram ir pela direita, com o lajeado a ficar mais claro e a luminosidade com tons de violeta e azul. Entraram pela abertura em semicírculo, percorrendo um túnel curto, com as paredes forradas de musgo mesclado de cremes e amarelos, que desembocava numa galeria redonda com uma abóbada azul celestial irradiando uma luz semelhante à do sol. Ao fundo, à distância de algumas dezenas de degraus, largos e em espiral, uma espécie de praia com areia e um mar também azul, mas mais escuro que o do céu da galeria. Na praia, seis mulheres esbeltas, lindas como nunca haviam visto, nem nas revistas e calendários da tasca do Clarimundo.

Pararam ainda no começo da descida, olhando extasiados, dando graças à Sorte que lhes indicara a saída para a felicidade. À medida que desciam viam os seios nus daquelas mulheres, fruto proibido e agora prometido, mas... eram algo estranhas da cintura para baixo. A aproximação revelou-as como meio mulheres meio peixes ou sereias, lembrando uma conversa ouvida e uma foto numa revista da tasca.

Elas chamavam-nos num linguajar desconhecido, gesticulando com os braços e abanando a cauda. Deslocavam-se pela areia de uma maneira peculiar, ondulando da cintura para baixo e firmando-se nos braços. Chico e Norró começaram a ver alguns pormenores. Cobertas de escamas em metade

do corpo, o restante que, ao longe parecia pele de mulher, era uma camada fina e rosada de um tecido semelhante ao de um peixe, com uma ou outra pequena escama, como um sinal castanho ou avermelhado.

Chico e Norró pararam no penúltimo degrau da escada, numa grande arengada.

- Como vamos fazer com uma destas mulher, ou peixe ou lá o que seja e com tantas ao mesmo tempo? – Questionou Chico.

- Sei lá. Com a Clotilde fanhosa, que ia ter connosco a casa, sempre com os copos, era fácil. Apesar de cheirar mal tinha pernas... e estas... sei lá homem! – Lamentou o Norró.

- E como sabemos que são fêmeas e não machos? – Lembrou-se o Chico.

- Pois, tem mais essa...

A conversa ficou por aqui, porque as sereias, erguidas sobre as caudas, puxaram-nos para a areia e, sem lhes darem qualquer satisfação, começaram a retirar-lhes a mochila e a roupa, peça a peça. As lamparinas já se haviam quebrado e apagado nos últimos degraus da escada. As sereias contemplaram, por momentos, aqueles humanos, despidos como vieram ao mundo – talvez não muito estranhos para elas -, arrastando-os no meio do grupo para o mar. Numa grande algazarra, o festim parece ter-se consumado debaixo de água.

Não se sabe o que aconteceu – talvez apenas se possa imaginar -, o certo é que as cabeças do Chico e do Norró vieram à superfície umas quantas vezes, com algas enroladas nos cabelos, ouvindo-se gritos roucos e cansados, e... após uns minutos, nunca mais deram sinal de vida. Nem eles nem as sereias.

Para onde foram, que lhes aconteceu? A galeria escureceu aos poucos e o mar e a areia fundiram-se na noite dos sonhos.

[Se calhar, deveriam ter optado pela outra porta. Coisas do destino.]

III-B

Resolveram ir pela esquerda, com o lajeado a ficar mais escuro e a luminosidade com tons de laranja e vermelho. Entraram pela abertura em

semicírculo, percorrendo um túnel curto, com as paredes forradas de musgo mesclado de amarelos e castanhos vivos, que desembocava numa galeria estreita, ascendente. Uma escada íngreme, talhada na parede do lado esquerdo, subia a perder de vista. Ouviam-se frequentes ruídos, acompanhadas de clarões que cegavam os aventureiros. No entanto, uma chuva de faíscas caía, como gotas de fogo-de-artifício pela penumbra da galeria.

Cada vez mais intrigados, Chico e Norró subiam temerosos, receando o que pudessem encontrar. Já com algumas centenas de degraus sob as botas, começaram a sentir um calor cada vez mais intenso, como mais intensos eram os ruídos e os clarões. Queriam, mas não podiam parar. Impelia-os algo incontrolável. Sentiam que a vida perigava, que a morte os chamava, mas não podiam deixar de subir, subir sempre. Até se esquecerem de quanto tinham subido e do calor que os fizera despir os casacos e arrastar a mochila, dos ruídos e dos clarões. O corpo estava dormente, a cabeça vazia, andavam como autómatos.

A galeria abria agora num patamar superior, alargando sem fim à vista. Fogos nasciam, intermitentes, do chão, molhado de um vermelho escuro, ensanguentado, aqui e ali matizado de tufos que pareciam de pelos ou de cabelos. Os olhos esbugalhados começaram, através de uma grande fumarada, a mostrar o que pareciam porcos dependurados, abertos de cima abaixo. As vísceras, com exceção do coração, estavam amontoadas de lado, formando montes nojentos que exalavam um cheiro nauseabundo. As chamas das fogueiras tostavam cada animal, aumentadas momentaneamente com o sopro de uma estrutura parecida com um fole, que emitia uma espécie de rugido surdo. Assim se explicavam os clarões e os ruídos ouvidos durante a subida.

Seres estranhos, que pareciam chimpanzés¹⁰, mas com grandes chifres e dentes salientes, andavam de um lado para o outro, com grandes facas¹¹, cortando as partes assadas e levando-as para um compartimento ao lado, donde vinha uma grande algazarra de comilões. Descobertos, Chico e Norró,

foram conduzidos a uma clareira onde uma dúzia de chimpanzés estavam à roda de uma mesa de pedra enorme, sobre a qual duas fêmeas - a avaliar pelas mamas que caíam até às enormes barrigas - dançavam. Foram mandos sentar, pondo-lhe à frente dois bocados de pernil, meio queimados, e uma mistela alcoólica, escura e com vago sabor a inhame¹², mas que lhes souberam como uma refeição principesca.

A princípio pensaram que iam acabar como os porcos, mas agora achavam os anfitriões, tirando o facto de serem feios, hospitaleiros e simpáticos, comendo e bebendo sofregamente. Chico e Norró ofereceram o seu vinho e a sua aguardente, o que animou ainda mais a comezaina. As dançarinas foram as primeiras a experimentar o vinho, deixando parte escorrer pelo corpo, o que levou ao delírio a assistência. Depois enrolaram uns cigarros que foram acenderam e oferecendo. Os chimpanzés tossiam e atiravam o fumo na cara uns dos outros, divertidos, meio embriagados. Dando murros tremendos na pedra, que faziam estremecer a mesa. As lamparinas eram objeto de curiosidades nas suas mãos, que exploravam também todos os objetos das mochilas, como relíquias que disputavam entre eles.

A dada altura, o que parecia o chefe - um de barbicha branca e comprida, com os olhos avermelhados -, chamou as bailarinas e deu-lhe uma ordem qualquer. Estas, de imediato, saltaram da mesa e pegaram no Chico e no Norró, levando-os ao colo, perante a gritaria e urros dos outros chimpanzés. Desceram por uma escada em várias voltas, até uma pequena câmara coberta de folhas e palha. Atiraram-nos para ali e tiraram-lhe a roupa, rasgando-a aos pedaços. Ainda se ouviram as vozes de Chico e Norró:

- Vai esmagar-me, salva-me!

- Eu, eu...

Depois... Uma abertura ao fundo, onde os olhos de ambos se fixaram, levou-os à noite dos sonhos

[Se calhar, deveriam ter optado pela outra porta. Coisas do destino.]

IV

Cá por cima continuou tudo na mesma. O desaparecimento do Chico e do Norró foi tema de conversa durante várias semanas. Uns diziam que tinham ido para outra ilha, outros que se tinham metido num barco, escondido algures na costa, a caminho das Américas. Só a Clotilde fanhosa, e apenas quando encharcada em aguardente, dizia que tinham ido para a Boca do Inferno e por lá ficado.

Passadas poucos meses, um terramoto sacudiu fortemente toda a ilha, provocando estragos graves e vultosos. A caverna da Boca do Inferno desapareceu, engolida por si mesma. No local, ainda rochoso, cresceram eucaliptos, com os troncos retorcidos, que cobrem já toda a zona da caverna e os terrenos circundantes. A caverna da Boca do Inferno caiu no esquecimento.

Avelino Rosa

Odivelas, 24-05-2014

¹ *Datura stramonium*, vulgarmente designada como trombeta, trombeteira, estramónio, figueira do demo, figueira-brava e zabumba, é uma erva ereta anual, em média com 30 a 150 cm de altura. As folhas são grandes, 7 a 20 cm e tem dentes irregulares, semelhante às folhas de carvalho. Suas flores apresentam uma das características mais distintivas da *Datura stramonium*: elas possuem formas de trombetas, cores que vão de branco para púrpura, com tamanho de 5 a 17,5 cm, sendo, entretanto, constantemente confundidas com lírios. As flores têm a mesma fragrância da planta *Mirabilis jalapa* e a fruta tem forma oval e é coberta de espinhos; é dividida em quatro câmaras, cada uma delas com dúzias de sementes de cor negra e pequenas. Toda parte da planta emite um odor fétido quando esmagada ou apertada. [WIKIPÉDIA].

² Eles próprios haviam interiorizado a alcunha, como quem aceita, por exaustão, o batismo involuntário.

³ Merenda, pequena refeição ligeira – [PRIBERAN Dicionário].

⁴ Espiga de milho. [PRIBERAN Dicionário].

⁵ Instrumento agrícola, para cavar, afagar ou mondar a terra. [PRIBERAN Dicionário].

⁶ Estalactites e estalagmites são o que conhecemos como espeleotemas, ou depósitos de minerais que formam as estruturas da caverna e revestem seu interior. As estalactites são as formações que se originam do teto das cavernas, como pingentes de gelo, enquanto as estalagmites dão a impressão de que estão saindo do chão e se assemelham a cones. Algumas podem levar milhares de anos para se formar, enquanto outras podem crescer

rapidamente. Às vezes, as duas formações também são chamadas de gotejamento. [<http://www.hsw.uol.com.br/>].

⁷ Ver Bioluminescência (palavra híbrida, proveniente do grego bios, que significa "vida", e do latim lumen, que significa "luz") é a produção e emissão de luz por um organismo vivo. Trata-se de uma forma de ocorrência natural de quimioluminescência, em que a energia resultante de uma reação química é lançada sob a forma de emissão de luz. Muitas criaturas, como os pirilampos (português europeu) ou vaga-lumes (português brasileiro), produzem luciferina (um pigmento), que reage com o oxigênio para criar luz, e luciferase (uma enzima), que age como catalisadora da reação, para a acelerar. A reação é por vezes mediada por cofatores, como íons de cálcio ou ATP. A reação química pode ocorrer tanto no interior como no exterior das células. Em bactérias, a expressão de genes relacionados com a bioluminescência é controlada por um operão, denominado 'operão Lux'. A bioluminescência ocorre em diversos grupos de organismos, desde vertebrados a invertebrados marinhos, assim como em microorganismos e animais terrestres. Organismos simbióticos contidos noutros organismos maiores são também capazes de bioluminescer. [WIKIPÉDIA].

⁸ Morfeu (do grego Μορφεύς, "moldador [de sonhos]") é o deus grego dos sonhos. Morfeu tem a habilidade de assumir qualquer forma humana e aparecer nos sonhos das pessoas como se fosse a pessoa amada por aquele determinado indivíduo. Seu pai é o deus Hipnos, do sono. Os filhos de Hipnos, os Oneiros, são personificações de sonhos, sendo eles Ícelo e Fântaso. Morfeu foi mencionado na obra *Metamorfoses* de Ovídio como um deus vivendo numa cama feita de ébano numa escura caverna decorada como flores. A droga morfina tem seu nome derivado de Morfeu, visto que ela propicia ao usuário sonolência e efeitos análogos aos sonhos. Quando uma pessoa augura: vá para os braços de Morfeu, sugere dormir bem. [WIKIPÉDIA].

⁹ O termo "basalto" é de origem latina, cujo termo "basalte" tem sentido referente à rocha vulcânica. No Brasil, é muito encontrado na região Sul, em derrames mais conhecidos como pedra-ferro. É proveniente de rocha vulcânica e, em estudos geológicos, é detectada pela sua cor escura, dureza e resistência, fatores que a fazem ser utilizada na pavimentação de ruas e estradas. Por ser uma pedra de origem vulcânica, é produzida em erupções que ocorrem nas dorsais meso-oceânicas (que dão origem à tectônica de placas); derrames que formaram os platôs continentais; e em erupções menores como as que já ocorrem nalguns arquipélagos. [WIKIPÉDIA].

¹⁰ Chimpanzé (*Pan troglodytes*) é um primata que faz parte da família Hominidae, possuindo uma semelhança genética de mais de 99% com os humanos. De acordo com o seu sexo, a espécie pode atingir até 1,70 metros de altura e pesar até 100 kg. A sua negra coloração modifica-se conforme uma idade mais avançada, para uma cor acizentada. Os Chimpanzés vivem em grupos que podem variar de cinco até mais de cem indivíduos, aquando no seu estado natural. Contudo, as fêmeas possuem hábitos mais solitários, passando a maior parte do tempo sozinhas. Nestes grupos os machos são dominantes sobre as fêmeas, assim como sobre os machos mais jovens. São animais de hábitos diurnos, terrestres e arborícolas. Costumam-se locomover pelo solo, no entanto tem preferência a se alimentarem sobre as árvores, durante o dia. Estes são primatas quadrúpedes, ou seja, locomovem-se utilizando os pés e as mãos, simultaneamente, para andar e correr, além de serem capazes de escalar, pular e ficarem suspensos. Além disso, ocasionalmente, podem se movimentar de forma bípede, tal como os humanos. Geograficamente estão distribuídos nas florestas e matas secas de savana, e nas florestas tropicais de áreas baixas até áreas montanhosas, superiores a 3000 metros de altitude, na região central do continente africano. Os chimpanzés possuem uma alimentação bem variada, sendo as frutas o principal alimento de sua dieta, porém também consomem folhas, flores, sementes e, ainda, pequenos animais, como alguns pássaros, formigas, cupins, vespas e algumas larvas. [WIKIPÉDIA].

¹¹ Chico e Norró tinham ouvido falar do desaparecimento de vários porcos ao redor da ilha, como se a terra os tivesse tragado, já que nunca haviam encontrado rasto de quaisquer ladrões. E também, ainda há poucos dias, o patrão atual tinha-se queixado de que lhe havia desaparecido uma faca de desmanchar porcos, como por artes mágicas.

¹² A palavra "inhame" é utilizada para designar plantas de vários gêneros que produzem tubérculos ou cormos comestíveis. A confusão deve-se ao fato que estes tubérculos ou cormos são preparados na culinária de modo semelhante. Há uma confusão de nomes populares das plantas do gênero *Dioscorea* spp. nas regiões sudeste e nordeste do Brasil. No nordeste do Brasil, os tubérculos produzidos pela *Dioscorea* spp. são chamados de inhame enquanto os cormos comestíveis produzidos pela *Alocasia* e a *Xanthosoma* (ambos da família *Araceae*) são chamados de cará. Em sentido oposto, no sudeste do Brasil, os tubérculos produzidos pela *Dioscorea* spp, são comumente chamados de cará, enquanto os cormos comestíveis *Alocasia* e a *Xanthosoma* são chamados de inhame. Nos Açores, chama-se de inhame (ou coco, na ilha de São Jorge), o taro (*Colocasia esculenta*), que é extensamente cultivado nestas ilhas. Daí que o taro também seja chamado de inhame-coco ou inhame-dos-açores.